



“O Governo não cortou na carne. Mais uma vez transferiu o problema para a sociedade. Quer que ela pague o pato”

Paulo Skaf
PRESIDENTE DA FIESP-CIESP

Sexta-feira 18
setembro de 2015

www.atribuna.com.br

ATRIBUNA

E-1

industria@atribuna.com.br

Indústria

O pacote de ajustes atinge em cheio a competitividade da indústria química brasileira e pode levar ao fechamento de fábricas

US\$ 31,2 bilhões

foi o déficit comercial acumulado pelo setor químico em 2014

A redução em 50% do REIQ

Regime Especial da Indústria Química já em 2016 vem em um momento extremamente difícil, de queda de vendas no mercado

Governo prejudica indústria química

Cortar estímulos de PIS/Cofins e de programas como o Reintegra e o REIQ afetará a competitividade da indústria nacional

DA REDAÇÃO

A decisão do governo federal de cortar pela metade estímulos concedidos à indústria química brasileira, a partir da incidência menor de PIS/Cofins e de programas como o Reintegra e o REIQ, pegam o setor de surpresa. E, segundo a Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), os cortes afetarão a competitividade da indústria nacional como um todo em relação a fabricantes estrangeiros e deverão provocar aumento de preços. Para o presidente executivo da Abiquim, Fernando Figueiredo, apesar de toda a alta do dólar, será quase impossível competir com fabricantes estrangeiros. O setor químico acumulou déficit comercial de US\$ 31,2 bilhões em 2014, número que deveria ficar praticamente estável neste ano. O pacote de ajustes anunciado pelos ministros da Fazenda, Joaquim Levy, e do Planejamento, Orçamento e Gestão, Nelson Barbosa, atinge em cheio a competitividade da indústria química brasileira e pode até mesmo levar ao fechamento de mais plantas produtivas.

“É um tiro no pé para um setor que já enfrentava problemas como os reajustes que oneraram o custo da energia em 30 a 40% neste ano”, lamenta a diretora de Economia e Estatística da Abiquim, Fátima Coviello Ferreira. E representa um retrocesso na política de estímulo à indústria que



Medidas são um tiro no pé para um setor que já enfrenta problemas com os reajustes que oneraram o custo da energia em 30 a 40% neste ano

gera tributos e empregos no País. O governo federal anuncia que diminuirá o benefício a ser concedido no próximo ano

para os exportadores de produtos manufaturados. A alíquota do Reintegra, programa que “devolve” aos

empresários uma parte do valor exportado em produtos manufaturados por meio de créditos do PIS e Cofins, que

seria de 1% em 2016, será de apenas 0,1%.

O benefício foi praticamente eliminado no ano que vem. Com isso, o governo vai arrecadar R\$ 2 bilhões a mais.

FECHAR INDÚSTRIAS

Também cairá o benefício dado à indústria química (por meio do PIS/Cofins), que renderá mais R\$ 800 milhões ao governo.

Para agravar o quadro, a Petrobras anunciou que até o final do ano vai retirar o desconto que exercia em cima do preço do gás natural de produção local. “A Petrobras deu desconto em um momento importante pois o setor passava por dificuldades e agora no momento em há recuo na demanda de gás e de energia e recuo na produção inicial ter variáveis de produção sendo oneradas simultaneamente é realmente muito preocupante”, assinala Fátima Coviello.

No período de 1990 a 2012, conforme levantamento da Abiquim, foram fechadas 1.710 unidades industriais, e consequentemente 447 produtos deixaram de ser fabricados no País. Um exemplo dessa situação é o segmento de especialidade química, que é justamente aquele que agrega maior valor.

Custos de energia afetam produção

O deputado federal Paulo dos Santos (Paulão), do PT-AL, visitou a fábrica de cloro-soda da Unipar Carbocloro em Cubatão, na segunda-feira. Percorreu a unidade - uma das maiores do país - em companhia do presidente da empresa, Anibal do Vale e do gerente Industrial, Ailton Antonio de Andrade. Paulão, cuja base está em Alagoas, onde fica uma unidade produtora de cloro da Braskem em Pontal da Barra, Maceió, conhece bem a área.

Coordena o setor de Cloro da Frente Parlamentar da Química na Câmara Federal, formada por 210 deputados federais e 42 senadores e presidida pelo deputado federal Paulo Pimenta (PT-RS).

A visita, que terminou com o plantio de um Ipê amarelo, coincidiu com o encontro - que se realizava naquele dia em Brasília, dos ministros Levy e Barbosa - para anunciar cortes em estímulo ao desenvolvimento industrial que afetarão a competitividade da indústria química. Paulão ouviu do presidente da Unipar Carbocloro (e, também, da Abiclor), Anibal do Vale, a preocupação com a elevação dos custos de energia elétrica, gás e óleo, que afetam particularmente a indústria brasileira do setor de cloro. E saiu da visita com a intenção de lutar pelo menos em defesa da adoção, em Cubatão, das mesmas medidas de estímulo aplicadas no Nordeste onde os custos de energia elétrica são subsidiados para a utilização na indústria química.

Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI) o Indicador de Custos Indus-



Paulão foi acompanhado na visita por Ailton Andrade, Martin Afonso, Mariana Mattar e Anibal do Vale

Redução

“É momento de reduzir gasto público e o tamanho do Estado Brasileiro”, diz Paulo Skaf

triais cresceu 3,2% no segundo trimestre de 2015, em comparação com o primeiro, na série livre de efeitos sazonais (ou seja, desconsiderando-se a variação que usualmente ocorre entre o primeiro e o segundo trimestre de cada ano). O aumento foi puxado pelo custo de pro-

dução, que cresceu 4,0%. O custo com energia e o custo com bens intermediários importados registraram as maiores taxas de crescimento: 12,4% e 9,1%, respectivamente. O custo com energia se elevou em 49,4% entre o segundo trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2015. Esse aumento foi resultado da expansão de 58,5% no custo com energia elétrica e de 2,6% no custo com óleo combustível. Preocupado, o presidente da Fiesp Ciesp está desde quarta-feira em Brasília para lutar contra os aumentos de impostos pretendidos pelo Governo.

Medidas não poderiam vir em pior momento

Fátima Coviello lamenta a decisão do governo. “As medidas não poderiam vir em pior momento: de janeiro a julho de 2015, sobre igual período do ano anterior, o índice de vendas internas da indústria química apresentou retração de 3,70%. No mesmo período de comparação, o consumo aparente nacional, que mede a demanda e a atividade final, também teve declínio, em relação a igual período do ano passado, com resultado negativo de 4,1%”.

Até agora, programas como o Reintegra e o REIQ puderam aliviar a forte pressão de custos sobre as empresas instaladas no Brasil. E deram um fôlego, especialmente no tocante à concorrência com os importados, na tentativa de recuperar a competitividade das empresas nacionais. “A pretendida redução em 50% do Regime Especial da Indústria Química

(REIQ) já em 2016 vem em um momento extremamente difícil, de redução das vendas no mercado interno, encolhimento da demanda e alta ociosidade, que acabará significando elevação nos custos de produção”.

E agrava a concorrência. O custo de produção de químicos e petroquímicos norte-americanos, por causa do shale gas (gás de xisto), chega a ser 55% menor hoje (em 2014, foi 80% menor). A extinção do benefício em 2017, prevista no plano divulgado pelo governo, coincidirá com a ampliação da produção de shale gas dos EUA. E colocará mais pressão sobre o setor químico brasileiro. Essa situação crítica não tem possibilitado a realização de investimentos, que poderiam ajudar a conter o déficit na balança comercial de químicos, hoje em cerca de US\$ 30 bilhões.